

## Transcrição

Vídeo: Coronavírus: Por que defender a fila única nas UTIs?

[ <https://youtu.be/Cuh1taE5ATU> ]

[00:00:01]

[Mulher 1: Maria Aparecida]

A importância da fila única: por que defender a fila única numa pandemia de Coronavírus? Como nós estamos defendendo, no momento em que estamos vivendo, aliás, vivendo no país e no planeta, uma pandemia tão grave, tão profunda, levando tantas vidas e criando um caos social, um caos econômico. Enfim, no planeta todo, e nós queremos discutir aqui hoje, junto com os nossos convidados, a importância de você ter uma fila única para os leitos de UTI.

O que significa isso? É importante, de fato, ajuda? Como ajuda isso? Para todas as classes sociais, não só para aqueles que têm recursos, mas também para aqueles que dependem única e exclusivamente do SUS. Nós sabemos que aqui no Brasil, mais de 50% dos leitos destinados às UTIs estão na iniciativa privada e na rede não conveniada pelo SUS, que atende 25% da população brasileira. Enquanto 75% da população brasileira atendida pelo SUS tem menos de 50% de leitos destinados a ela. Como fazer com que esses 75% da população, e que uma boa parcela dela vem necessitando desses leitos de UTI, muita gente morrendo sem conseguir acessar o leito de UTI, como fazer para minimizar isso e para diminuir o número de mortes nesse país?

É esse o debate que nós queremos fazer. A fila única ela ajuda? É possível? É fato? É concreto? E como viabilizar isso? Como fazer acontecer na vida de todos nós, na vida dos trabalhadores, dos profissionais de saúde para que, a exemplo de iniciativas como a do Rio de Janeiro, deve-se criar um protocolo, não se proliferam pelo país, porque ninguém quer passar por uma situação dessa onde um profissional, em cima de um protocolo frio, ele tenha que definir quem é que deve ter acesso a um leito de UTI. Quem vai ficar sem esse leito de UTI, nenhum paciente merece isso, nenhum ser humano merece passar por isso, e nenhum profissional de saúde também merece passar por isso, por isso a importância desse nosso debate aqui.

Nesse nosso debate, nós temos três ilustres convidados, são pensamentos, linhas de pensamentos diferentes do ponto de vista de um olhar, é um olhar da classe trabalhadora, que aí nós temos o nosso companheiro Vagner Freitas, nosso ex-presidente da CUT, hoje vice-presidente da CUT nacional, querido companheiro Vagner Freitas. Temos o nosso companheiro Fernando Pigatto, Presidente do Conselho Nacional de Saúde, que tem tido um debate muito profundo, muito qualificado em relação à questão da fila única, com um documento na resolução extremamente importante que vem analisando vários de nós e também que não entrou ainda, mas vai entrar na sala para conversar conosco, o nosso deputado federal, aqui por São Paulo, Alexandre Padilha, ex-Ministro da Saúde, que inclusive tem um Projeto de Lei tramitando no Congresso Nacional em relação à fila única.

Bom, para quem não me conhece, não me apresentei, meu nome é Maria Aparecida Faria, sou do ramo da seguridade social, meu sindicato é o SINSÁUDE SÃO PAULO, e estou como dirigente da CUT Nacional. Importante antes de passar para os nossos convidados é dizer que a CUT participa de uma grande campanha que foi lançada esta semana, que é "Leito para Todos, Vidas Iguais". Essa campanha é extremamente importante, aonde tem várias entidades que compõem essa organização que faz esse movimento importante aqui no nosso país, e a central, assim como várias entidades filiadas à CUT, fazem parte, várias CUT estaduais fazem parte desse movimento que vem sendo capitaneado pela nossa central, através da Secretaria Nacional de Saúde do Trabalhador, com a companheira Madalena. E na CUT, nós também temos uma campanha nacional, que é uma campanha que vem sendo também conduzida pela Secretaria Nacional de

Saúde do Trabalhador, que é defender o SUS, defender a vida dentro das diretrizes dessa campanha, instalar a defesa da fila única para todos com o controle do SUS, e a CNTSS, a Confederação a qual eu também faço parte, nós temos uma outra campanha lá que se soma à campanha da CUT, que é “Eu sou o SUS”, que é uma forma que nós queremos de dar uma identidade para os trabalhadores do SUS, e dentro da nossa campanha também está reafirmando lá a necessidade da fila única, como controle social pelo SUS.

Dito isso, de toda essa nossa importância desse debate que está colocado aqui, eu gostaria de passar para vocês também que nós teremos três blocos, esse bloco agora onde os nossos convidados vão poder falar um pouco da sua visão de como está sendo encaminhado através dos espaços que representam, esse debate da fila única, um segundo bloco aonde a gente vai poder fazer algumas perguntas que alguns companheiros têm enviado para nós, e no terceiro bloco as considerações finais.

Eu quero aqui render uma homenagem a todos os trabalhadores e trabalhadoras dos serviços essenciais, que estão se dedicando nesta pandemia. Olha é fantástico o trabalho que essas pessoas vêm fazendo com todo amor, com todo carinho e todo respeito, correndo o risco, mas sabendo da importância do seu papel. Companheiro Alexandre Padilha já entrou na nossa sala. Seja muito bem-vindo, e quero fazer uma homenagem especial a todos os trabalhadores e trabalhadoras da saúde, que muito me orgulho ser desse ramo, pessoas que se dedicam com tanto amor no coração porque a gente sabe que precisa de muito amor no coração, para no momento como esses, dedicar tão e totalmente como eles vêm fazendo durante essa pandemia.

Bom, então quero passar aí já para o companheiro Vagner Freitas para que comece a sua explanação sobre como a CUT vem tratando e vem pensando em relação à questão da necessidade da fila única, a importância que a gente tem em relação, porque a defender a fila única nas UTIs.

[00:07:11]

[Homem 1: Vagner Freitas]

Oi, Maria, boa noite para todas e todos. Boa noite para o Pigatto, meu companheiro, meu parceiro. Há muito tempo não nos vemos; precisamos nos encontrar quando for possível. Depois que o governo Bolsonaro tomar alguma atitude para assegurar aos trabalhadores o direito de trabalhar sem sair de casa e recebendo seus salários, podemos marcar um encontro em Brasília. Boa noite especial para esse grande cara chamado Padilha. Sempre tive por você um grande respeito. Você é um parceiro, meu mano, como falamos na periferia. É um prazer dividir esta live com você para conversar com os companheiros e companheiras.

Maria, a CUT existe para defender a vida. Às vezes, as pessoas pensam que a CUT existe apenas para defender os direitos dos trabalhadores, o que é verdade, mas não há direitos dos trabalhadores sem direito à vida. Não há trabalho sem vida, não há emprego sem vida. O que o Brasil discute hoje é como garantir a vida das pessoas, das famílias, dos nossos entes queridos, dos amigos. Após defender a vida, devemos continuar defendendo nossos direitos, aumentando-os e trabalhando pelo mundo e pela humanidade. Espero que a questão do Coronavírus abra os olhos da humanidade para perceber que precisamos ser iguais, ter os mesmos direitos, que o ser humano é igual em qualquer lugar, em qualquer classe social, em qualquer comunidade, seja homem ou mulher, trabalhador ou empresário. O ser humano é muito importante, e a CUT existe para defender a vida.

Espero que essa questão do Coronavírus sirva como lição, para que possamos resgatar a fraternidade, solidariedade, igualdade, direitos iguais e justiça social. Devemos aprender a olhar uns pelos outros como irmãos, como cidadãos que merecem o mesmo respeito. Devemos resgatar a solidariedade, pois isso é muito importante. Quando falamos da fila única em relação ao

atendimento de saúde, estamos falando disso, estamos falando de vida, de saber que todos nós somos iguais e temos os mesmos direitos. Não deve haver e não pode haver um melhor que o outro.

Maria mencionou a quantidade de leitos privados que temos hoje, sem a possibilidade de acesso para pessoas que não têm convênio médico. Neste momento de pandemia, todos os leitos devem estar em fila única para que todos possam ser atendidos, sem distinção de classe social, cor, religião ou sexo.

Acho impressionante, companheiro Padilha, mas é importantíssimo que façamos esse debate e esse lembrete. Ainda há muitas pessoas, e Bolsonaro é o principal responsável por isso, que acham que algumas pessoas são melhores que outras. O Presidente da República acha que morrer não é um problema dele, que ele não tem nada a ver com isso, que ele não é coveiro. Aliás, não é mesmo, Maria? Porque os nossos companheiros coveiros não podem mesmo ser comparados a Bolsonaro. Pode ter certeza, porque os profissionais coveiros enterram, fazem seu papel de enterrar corpos. Bolsonaro não faz isso; ele destrói vidas. É diferente do que significa ser um coveiro. Então, é óbvio que a CUT está nesse projeto com a CNTSS, que é a nossa confederação, com as CUTs estaduais, porque nós defendemos a vida. Para defender a vida agora, não podemos concordar com a ideia de que os menos afortunados pelas condições sociais, negados por um estado injusto, possam não ter direito ao tratamento e ao atendimento que qualquer pessoa com convênio médico tem. Os deputados federais e senadores têm a responsabilidade de trabalhar na legislação que garanta a fila única, que assegure esse direito para todos.

Padilha, Maria e Pigatto, ainda bem que temos o SUS. Agora, Pigatto, vejo todo mundo defendendo o SUS, até o Maia um dia desses na televisão, até Mandetta. Nós sabemos que fomos nós, trabalhadores e trabalhadoras, que construímos o SUS. Tentamos a ideia de um sistema único de saúde público e universal. O SUS precisa ser melhorado, e fazemos todas as críticas e propostas para isso. Se não tivéssemos o SUS, se fosse o que querem fazer, a privatização de todo o sistema de saúde e seguridade social, a pandemia estaria muito mais grave no Brasil, até do que espera Bolsonaro. O SUS é muito importante, e todos os leitos devem estar à disposição dele, não das redes privadas. Quem tem direito e convênio médico para ser atendido no Einstein não é melhor do que aquele que não tem convênio médico e não tem acesso à saúde básica.

Precisamos avançar nesta campanha, que é pelo direito das trabalhadoras e trabalhadores, mas, acima de tudo, é pelo direito à vida, pelo respeito ao ser humano. Somos seres humanos, uma raça humana que tem muito para evoluir. Estamos vivendo uma pandemia devastadora que pode matar milhões de pessoas se os sistemas de saúde não tiverem condições de oferecer o atendimento necessário. A fila única, a CUT defende por conta disso. É um direito dos trabalhadores, mas, mais do que nunca, é solidariedade com as pessoas. A vida é o dom mais importante que temos.

[00:15:25]

[Mulher 1: Maria Aparecida]

Ok, Vagner, muito obrigada! É importante essa decisão da CUT, essa manifestação da CUT em defesa da vida, mais do que a fila única é em defesa da vida e se a fila única for uma forma da gente garantir que morra menos pessoas

[00:15:48]

[Homem 2: Fernando Pigatto]

Eu acho que deu um probleminha aqui com a Maria Aparecida.

[00:15:52]

[Homem 1: Vagner]

Alex, acho que a Maria caiu.

[00:15:55]

[Homem 4: Alex Capuano]

É parece que houve aqui uma queda da companheira Maria, a conexão dela deve ter caído, daqui a pouco ela retoma. Eu vou fazer aqui a vez de mediação que ela estava fazendo.

Boa noite, Padilha. Boa noite, Pigatto. Boa noite, Vagner. Vou aqui passar já para o companheiro Alexandre Padilha, para que ele faça a sua intervenção inicial, está bom companheiro?

[00:16:23]

[Homem 3: Alexandre Padilha]

Obrigado, viu Alex? Um grande abraço à Maria. Já voltou a Maria, nossa grande companheira aí do segmento. Um abraço ao nosso Vagner Freitas, que representa aqui a CUT nacional. Meu grande companheiro, irmão, a luta foi boa aqui em São Paulo. Agora somos todos.

Um grande abraço para o nosso presidente do Conselho Nacional de Saúde, Fernando Pigatto, dando um show lá enquanto Conselho Nacional de Saúde. O Conselho Nacional aprovou uma resolução uma ou duas semanas atrás sobre o tema do financiamento. Uma grande repercussão, uma revolução muito forte que mostra, entre outras coisas, o motivo pelo qual Bolsonaro é considerado já pelo relatório da Organização das Nações Unidas o responsável principal pelas mortes e pelos sofrimentos do povo brasileiro no enfrentamento à Covid-19, posicionando Bolsonaro como um genocida. Isso ocorre tanto porque não acabou com o chamado congelamento de investimento na área da saúde pela emenda de 95, que vem lá do Temer no congresso. Aliás, o Mandetta votou a favor, o Bolsonaro votou a favor do congelamento na época. Não enfrentou esse tema do congelamento no primeiro ano de governo, destruiu um conjunto de programas na área da saúde que afetam hoje e fazem com que estejamos mais frágeis para enfrentar a pandemia.

Um dos exemplos é o Programa Mais Médicos. Perdemos um volume de profissionais que estavam junto com os enfermeiros, com os técnicos de enfermagem, com os agentes comunitários de saúde em cada canto do país. Na nossa cidade de São Paulo, Vagner, foram 300 médicos do Mais Médicos que agora todos desapareceram no país inteiro, nas áreas remotas, das grandes favelas, fazendo com que as pessoas, sobretudo aquelas com doenças crônicas como doença cardíaca, doença pulmonar, hipertensão, diabetes, cheguem nesse momento da pandemia numa situação mais frágil, não tão bem controlada, ficando mais frágeis ainda pelo risco em relação a se pegar a Covid-19.

Também não garante proteção aos trabalhadores e trabalhadoras da saúde. Estes dias, estive em uma transmissão ao vivo como essa com o presidente Lula e com os ex-ministros da Saúde. O Presidente Lula perguntou: se você tivesse que tomar uma medida, a minha primeira medida seria proteger os trabalhadores e trabalhadoras, porque nós temos no Brasil inteiro, Vagner e Pigatto, milhões de enfermeiros, técnicos de enfermagem, médicos, fisioterapeutas, atendentes, auxiliares de segurança, pessoal da portaria que todo dia sai de casa, vai para o trabalho e não sabe nem se vai voltar ou não, infectado pela Covid-19. Estão salvando vidas. Eu diria não só os trabalhadores da saúde, mas os trabalhadores dos serviços essenciais, os motoristas de transporte coletivo, pessoal que trabalha na limpeza, na manutenção da cidade, pessoal que trabalha no comércio, no supermercado, nas farmácias, todo mundo que está em várias cidades aqui na cidade de São Paulo. Os profissionais de educação estão tendo que ir para a escola, e muitos deles estão se infectando. Inclusive, porque se infectam no transporte coletivo. Então, a proteção ao trabalhador é decisiva não só para proteger esse profissional, esse trabalhador, mas porque um dos grandes

problemas que a Itália teve, a Espanha teve, e que o Brasil já está enfrentando é até você ter o leito, você tem o equipamento, se tem o respirador e você não tem um médico, enfermeiro, fisioterapeuta, técnico de enfermagem para cuidar das pessoas porque estão afastados ou porque se infectaram ou porque estão em um grupo de risco ou porque infelizmente já morreram. A Maria sabe desse dado, Pigatto também sabe, não sei se o Vagner sabe, mas já morreu mais enfermeiros, mais profissionais de enfermagem no Brasil do que na Espanha e na Itália juntos nesse enfrentamento da Covid. Então, é muito importante esse debate de proteção aos trabalhadores e trabalhadoras e proteção à fila. Uma das medidas que está na ordem do dia, como todo mundo está dizendo aqui, é o controle imediato de todos os leitos de UTI, veículos de unidades críticas pelo Sistema Único de Saúde, em cada local e nacional. Nós chamamos de fila única. Eu fui o autor do primeiro dos projetos, mas tem outros companheiros, o Arlindo aqui de São Paulo, que apresentou um projeto agora, a deputada Jandira do Rio de Janeiro, no senado, os companheiros Humberto Costa e Rogério Carvalho são senadores que tentam avançar nessa decisão de instalar uma fila única, ou seja, todos os leitos públicos e privados serem controlados pelo SUS.

Por que isso é tão importante? Hoje no Brasil, nós temos mais de 50 mil leitos de UTI entre público e privado, e temos aí mais de quase 10 mil leitos de unidades de cuidados intermediários, ou seja, já quase uma UTI. Só para ter uma ideia, um pouco mais da metade disso é da rede privada, não presta serviço para o SUS, nem plano de saúde. Ou seja, na largada, mais da metade já é da rede privada que não presta serviço ao SUS. Para vocês terem ideia do que tem de leitos existentes hoje no SUS, mais de 60% foi de 2009 a 2015, desde quando o Brasil enfrentou a pandemia do H1N1, no governo do Presidente Lula, até o último ano do governo da presidenta Dilma. Ou seja, de 2009 a 2015, os governos Lula e Dilma fizeram mais leitos de UTI do que todos os outros governos juntos, só para ter uma ideia, e os leitos de cuidados intermediários que são 5800, quase 90% deles foram feitos de 2011 a 2015. Eu era Ministro, e a gente criou essa modalidade dos leitos de cuidados intermediários. De 2011 a 2015, mais de 90% dos leitos das UPA 24 horas foram feitos durante o governo, criado no governo Lula, assim como os leitos de cuidados intermediários. A partir da pandemia, em 2009, cresceu bastante e foi até 2015/2016, quando foi feito quase 90% dos leitos que nós temos de UPA 24 horas. Mesmo assim, os leitos privados são maioria nos leitos de UTI hoje no país, e nós já estamos chegando a uma situação em várias cidades, onde você tem 95% de taxa de ocupação dos leitos públicos contratados pelo SUS ou de um serviço estatal às vezes em uma Santa Casa do hospital contratado pelo SUS. Aqui, na Grande São Paulo, já está assim: 92%, 93% dos leitos de UTI do SUS estão ocupados por Coronavírus. Muita gente fala assim, ainda tem 10%, mas para estar 90%, é porque marcou cirurgia, que tem gente que tinha tratamento de câncer que foi suspenso a internação, gente que tem outra cirurgia, que estava esperando um ano na fila seis meses na fila e teve que desmarcar, afetando as pessoas mesmo que não estão com Coronavírus. E a gente tem em São Paulo 92% ocupado os leitos do SUS e em torno de 70% ocupados nos leitos privados. Então, essa injustiça que o nosso Vagner Freitas falou aqui que está acontecendo, está presente. Nós temos hoje, por exemplo, no Paraisópolis, uma das maiores favelas sobre a cidade de São Paulo, gente com Coronavírus que precisa de internação e do lado dela tem o Einstein com leito vago, e essa pessoa não pode entrar nesse leito. Então, Vagner, Pigatto, Maria, a lei hoje já autoriza isso. É importante que todo mundo entenda que está nos acompanhando. A Constituição Brasileira, a Lei Orgânica do SUS de 90 e a lei que o próprio Bolsonaro encaminhou esse ano para o Congresso Nacional, para estabelecer a regra da quarentena, do isolamento, a gente fez uma modificação na lei. Essas três leis, a constituição, a Lei Orgânica do SUS e a lei ordinária definiram o que é isolamento ou quarentena para as ações da Covid, as três autorizam já o gestor público a requisitar esses leitos privados e organizá-los pelo

SUS. Tanto é que o governador Flávio Dino, no Maranhão, já fez isso, até que nós temos prefeitos que estão fazendo isso.

Qual é o papel do nosso Projeto de Lei, para o meu, para o do Arlindo, da Jandira, do senador Rogerio e Humberto, é um projeto primeiro para obrigar o setor privado informar como está a internação. O que acontece muitas vezes, Wagner sabe disso direto, a Maria foi do conselho também, é que o setor privado ele mantém um cara lá internado, sem precisar estar internado para ocupar vaga. Então, o meu já exige de cara que o setor privado informe não só o que está ocupado, mas qual foi o critério de internação e o critério de alta para não permitir que o setor privado fale assim: eu não posso dar esse leito pro SUS que está ocupado. Se não fizer isso, vai ter que pagar a multa e requisição imediata. E segundo, organizar essa requisição porque é importante isso, porque é o seguinte: teve proposta já, por exemplo, que tinha que requisitar, fazer a fila única e o Ministério da Saúde coordenar essa fila. Isso não vai dar certo primeiro, porque dá poder demais para o Ministério e desmonta as redes que estão ali no estado, no município. E segundo, que o Ministério nem tem condição de operacionalizar e esse governo aí muito menos, que troca ministro todo tempo todo, troca equipe. Agora bota general, imagina o que é este general organizando a fila única, vai achar que é fila de continência lá, se a bota está engraxada ou não, se está passado a roupa ou não. Então, a proposta é que essa fila seja organizada por aquilo que a gente chama hoje das regulações, ou seja, quem coordena já pelo SUS a ocupação dos leitos do SUS na região do estado ou na região de saúde. Por isso, é importante a gente conseguir aprovar esses projetos. Encerrando aqui, Maria, a importância está na pauta, precisa dessa campanha fundamental para a gente fazer esse negócio andar, que não dá para esperar nem o Ministério, nem alguns governos estaduais avancarem nesse sentido, e a gente tem que evitar essas mortes. A Espanha fez isso, a Itália fez isso, são sistemas nacionais públicos até mais consolidados do que o nosso. Não titubearam em pegar os seus leitos privados e passaram a ser organizados pelo sistema público, e o Brasil precisa fazer isso de imediato.

[00:28:13]

[Mulher 1: Maria Aparecida]

Bom, obrigada, Padilha. Muito obrigada, Fernando! O Conselho Nacional de Saúde fez um excelente debate, e a resolução que vocês elaboraram, a resolução nº 26, é perfeita. Essa resolução tem embasado e sido utilizada por várias outras organizações que se manifestam publicamente em defesa da fila única com controle pelo SUS. Gostaria que você falasse um pouco sobre esse trabalho, esse movimento, e o que mais vocês estão fazendo para viabilizar e concretizar a implementação da fila única, considerando inclusive a legislação para isso.

[00:28:52]

[Homem 2: Fernando Pigatto]

Certo, primeiro que mais uma vez, um boa noite né, todas e todos que estão nos acompanhando, sempre chega sempre chega gente depois, não foi só partilha que chegou depois aqui, vai chegando, nas lives a gente tem aprendido, mas assim é muito importante a gente está participando desse tipo de debate e atividade, é a forma que a gente tem hoje, nas nossas grandes plenárias, assembleias, reuniões, enfim congressos, tantas as atividades que a gente fez, a conferência nacional de saúde e fizemos uma grandiosa conferência ano passado, em agosto, com mais de 6 mil pessoas em Brasília, o Padilha esteve lá com a gente, então dá um grande abraço no Padilha que tem sido um grande parceiro nosso no Congresso Nacional, nosso ex-Ministro da Saúde, também o Wagner que falou no início que a gente se encontrava em Brasília algumas vezes e vamos voltar a nos encontrar Wagner, porque com certeza estamos fazendo tudo aquilo que é necessário ser feito da nossa parte para salvar vidas, que eu acho que essa é a nossa grande

missão, foi o que a história reservou para nós, enfrentar todas as dificuldades que a gente enfrenta, e tem uma frase que alguém falou esses dias, que pior que a pandemia são os pandemônios que a gente tem que enfrentar todos os dias, e dar um grande abraço a Maria Aparecida que está com a gente aqui, e presidenta do dirigente da CNTSS da CUT e vice de saúde São Paulo, uma grande companheira nossa, eu queria aproveitar esse momento para reconhecer aqui o papel da central única dos trabalhadores das trabalhadoras, no conselho nacional da saúde. Não é de hoje que a CUT é uma das entidades mais atuantes no conselho nacional de saúde, nós tivemos aí é uma participação efetiva inclusive na mesa diretora do conselho anterior essa gestão, companheiro Judedir Souza que continua conselheiro nacional e coordena uma importante comissão intersetorial, que é a comissão intersetorial de saúde do trabalhador e dá trabalhadora no conselho nacional de saúde, e temos uma grande aquisição hoje conselheira nacional de saúde titular, dirigente nacional da CUT, e que também participa da comissão intersetorial de saúde das mulheres do conselho nacional de saúde que é a Madalena, então queria fazer essa referência, queria também dizer aqui que uma cotista, uma dirigente nacional que nós temos hoje que dá um grande respaldo também, uma das responsáveis por estarmos hoje na presidência do conselho nacional de saúde é a nossa companheira Eliane cruz, eu queria fazer esse reconhecimento que eu acho que a história da gente, ela se cruza e em momentos como esse que o pessoal falava, que é da presidência do conselho, porque hoje representa a confederação nacional das associações de moradores, a CONAM, do movimento comunitário segmento de usuários e usuárias, e a gente é o que chama o colaborador eventual, mesmo presidente, então a gente tem o nosso trabalho, tarefas cotidianas e eventualmente a gente participa de uma reunião, ajuda a construir algum documento, participa de alguma atividade, era assim, seja uma ou duas vezes por mês em Brasília às vezes um pouco mais quando tem algumas atividades como tinha conferência e era essa né a vida de conselheiro e conselheira antes da pandemia, e agora o nosso desafio desde janeiro para cá, a gente não é mais colaborador ou colaboradora eventuais, a gente é dia a dia conselheiro e conselheira de saúde, seja nacional, estaduais ou municipais, seja o nosso papel de controle social aumentou e muito, então nós precisamos ter esse reconhecimento do papel da CUT no conselho nacional de saúde porque a CUT é uma das entidades, como já falei, mais atuantes que nós temos, nós temos aí algumas atuações importantes desde o início da pandemia para cá e uma delas que eu queria destacar nós lançamos no dia vinte e oito de abril, é o dia em memória das vítimas de acidentes e doenças do trabalho, que foi a campanha proteger a trabalhadora e o trabalhador, é proteger o Brasil. Então é muito importante a gente fazer esse tipo de reconhecimento, e também reforçar essa campanha que tá dentro de uma campanha maior que a gente tem desde o início da pandemia e agora reforçado que é, mais SUS, menos Coronavírus, e logicamente que dentro de todas essas discussões que o conselho nacional tem feito, nós temos 18 comissões intersetoriais do conselho nacional de saúde, uma delas que é a comissão intersetorial de saúde suplementar, a partir de um debate que nós passamos a fazer com um grupo muito forte que se criou em todo o país que é de um movimento chamado, leitos para todos e todas, e esse movimento foi lançado uma campanha nacional, articulado inclusive internacionalmente com outras campanhas e outros movimentos que foram feitos em outros países, para garantir esse acesso universal que o SUS preconiza para as pessoas não morrerem em filas esperando um leito enquanto existe leito vago, esse é o grande problema, essa é a grande situação nós tivemos agora esses dias uma entrevista de um ex-Ministro da Saúde e chega dar tristeza, a gente ter que fazer a referência.

[00:35:16]

[Homem 3: Alexandre Padilha]

Fala o nome do cara, se não vão achar que sou viu Pigatto haha

[00:35:19]

[Homem 2: Fernando Pigatto]

Não, o ex-Ministro Ricardo Barros falou; está gravado; não escondeu isso de ninguém. É a posição dele, é a opinião dele, que os hospitais privados podem estar quebrando porque as pessoas, por estarem em isolamento, estão se acidentando menos. Gente, essas pessoas não têm alma. Essas pessoas não têm alma. É que nem o presidente da república. E nós fizemos um documento; Padilha fez referência a esses tempos, há duas ou três semanas atrás, uma carta em defesa da vida, da democracia, do SUS, onde nós afirmamos que as atitudes do Presidente da República e do seu governo são irresponsáveis, criminosas e genocidas. E é isso que está acontecendo, mas isso está dentro de um pensamento que não é só aqui no Brasil que existe, porque existem pensadores que orientam inclusive a atuação, ou a falta de atuação, deste governo. Eles realmente acreditam e defendem a tese de que existe muita gente na face da terra e que uma pandemia como essa serve para ajudar a resolver o problema. Porque é muito mais barato abrir uma cova do que colocar um leito à disposição e considerar todas as condições para que uma pessoa possa ser atendida, bem atendida e salva. Então, tudo isso faz parte de um plano que não é maquiavélico. É um plano terrível de extermínio da população. A importância é a gente ter noção de que esse debate, onde a gente está trazendo aqui um dos elementos que é a fila única, é importante. O Conselho Nacional de Saúde tem uma recomendação, a recomendação 026, partindo da sua comissão intersectorial de saúde suplementar. Mas este é um dos elementos que nós temos que trabalhar forte para salvar vidas, porque infelizmente, no governo federal, o Presidente da República joga no sentido contrário, no sentido de extermínio da população brasileira. E parte dela já, infelizmente. Aproveitar este momento também para nos solidarizar com as famílias, naquelas pessoas que já partiram. Porque não são números. Não são 16 mil, o coeficiente, no ranking que inclusive a gente vê todos os dias o Brasil subir. Isso não é uma olimpíada, isso não é uma corrida, isso não é nada comparado em alguma coisa, de que temos que estar nos primeiros lugares. Não, nós temos que trabalhar para não subir neste ranking. Porque não se trata de números. Trata-se de pessoas que nós precisamos salvar.

[00:38:33]

[Mulher 1: Maria Aparecida]

Ok, obrigado, Fernando! É extremamente grave o que vem acontecendo, e infelizmente, a gente não sente a mesma preocupação de todos nós por parte do governo federal. É lastimável o que vem acontecendo, envergonha o nosso país e envergonha a todos nós. Envergonha as famílias que estão perdendo seus entes queridos. É um desrespeito com cada família que tem perdido seus entes queridos, com todo mundo que está trabalhando, se doando para procurar salvar o máximo possível de vidas e diminuir a dor de todos os brasileiros e brasileiras.

Bom, nós vamos passar agora para o segundo bloco. Nesse nosso bloco aqui, tem algumas perguntas que foram encaminhadas por alguns companheiros e companheiras. Elas, no geral, dizem respeito a como fazer para concretizar essa questão da fila única. Eu vou falar de forma devagar para que todos possam assimilar e pegar as perguntas, e aí nós vamos ter um tempo para que cada um possa falar sobre elas.

A companheira Jandira, de São Paulo, fez a seguinte pergunta: 'Como viabilizar o controle do SUS sobre os leitos do sistema privado frente à urgência desse procedimento ao avanço da epidemia, e o que fazer nas regiões onde há falta de leitos públicos e privados?'

O companheiro Miltinho, da Bahia, perguntou: 'Atualmente, no Brasil, quem decide sobre os pacientes que devem ter acesso aos leitos de UTI? Nós estamos falando no momento de pandemia. Existe alguma norma normativa que respalda? A psicologia deveria fazer parte dessa equipe técnica?'

A companheira Fátima, de Goiás, indagou: 'Diante do processo acelerado de terceirização de serviços, inclusive dos serviços de saúde, como defender esse modelo de fila única, onde o SUS iria controlar os leitos, inclusive os pertencentes à iniciativa privada, e como se daria esse diálogo com o sistema capitalista que visa reservar esses leitos para atender à sua clientela?' Um diálogo bastante difícil.

João Batista Gomes, de São Paulo, questionou: 'A CNTSS, o SIMESP, sindicatos e tantas outras entidades e organizações afins têm posição pela fila única. Como garantir essa medida tão urgente?'

E por último, o companheiro Cláudio Agostinho, do Rio Grande do Sul, perguntou: 'Quais serão os procedimentos políticos, administrativos e legais para garantir a fila única sob o controle do SUS?' Vocês vejam que todas elas fazem muita referência à importância de implantar, mas como fazer, como viabilizar do ponto de vista administrativo, do ponto de vista legal, do ponto de vista, inclusive, das relações com esse sistema privado. Enfim, aí a gente não tem muito tempo porque vocês sabem que uma live não pode ser muito longa. Então, com cinco minutos, eu aviso vocês, tá bom? Então nós vamos começar agora com o companheiro Fernando.

[00:42:14]

[Homem 2: Fernando Pigatto]

Certo, eu vou responder algumas, até porque assim acho que consigo explicar melhor. Algumas ficarão para o Vagner e o Padilha responderem posteriormente. Primeiramente, é relevante destacar que o Padilha já forneceu informações sobre questões legais, inclusive presentes em nossa recomendação. Quanto a como viabilizar o controle do SUS sobre os leitos, a pergunta do Cláudio, presidente do Conselho Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, é pertinente. É importante mencionar que listar leis, como fez o Padilha, não é suficiente. Há muitas leis que, se dependessem apenas do cumprimento, resolveriam grande parte dos problemas do país. Por isso, apostamos na nossa recomendação, indicando não só para o Ministério da Saúde, mas também para governos estaduais e municipais, bem como para conselhos de saúde. Pressionar esses governos, especialmente para colocar em prática projetos de lei, como o do Padilha, é crucial. O controle social, embora tenha dificuldades, continua desempenhando o papel de elaborar e deliberar políticas públicas, fiscalizando sua execução. A pressão política, em conjunto com assembleias legislativas e câmaras de vereadores, é fundamental para efetivar a fila única, como já ocorre no Maranhão, conforme citado pelo Padilha.

Quanto à decisão sobre acesso aos leitos, atualmente, funciona com gestão pública e privada, esta última atuando como reserva. No Rio Grande do Sul, com mais leitos privados que públicos, a situação pode se agravar, exigindo preparação para evitar estrangulamentos.

A resistência da iniciativa privada, inclusive recorrendo ao STF contra a fila única, é preocupante, e esse tema será aprofundado em uma live no Conselho Nacional de Saúde na quarta-feira.

A questão das terceirizações no SUS é grave, principalmente na atenção básica, que foi atacada pela Portaria 2979, retirando incentivos. A atenção básica, responsável por 85% do atendimento, precisa ser fortalecida para aliviar a pressão nos hospitais, inclusive para leitos de UTI.

Destaco o papel do Padilha, que possui um projeto de decreto legislativo contra a Portaria 2979. A privatização e terceirização prejudicaram o SUS, e a revogação da Emenda Constitucional 95, a EC da morte, é essencial. Ações diretas no STF, lideradas pela ministra Rosa Weber, buscam julgar a constitucionalidade dessa emenda que retirou mais de 22 milhões da saúde pública. Neste momento, é crucial fortalecer o SUS e lutar pela revogação da EC 95.

[00:49:15]

[Mulher 1: Maria Aparecida]

Bom, obrigada, Fernando! É isso mesmo, Padilha, agora você responde.

[00:49:21]

[Homem 3: Alexandre Padilha]

Olá, Maria.

[00:49:23]

[Mulher 1: Maria Aparecida]

Só lembrar que você vai responder essas questões numa situação em que hoje a gente está com mais de 240 mil infectados. Não sei qual é o percentual que as estatísticas dizem que desses 240.000, quantos por cento estão internados, e 5% precisam de UTI, com um número de UTIs que nós já temos ocupados, quase tudo em colapso, quase todas as grandes capitais em colapso e a gente já tem mais de 16 mil óbitos. Bom como é que ficamos?

[00:50:02]

[Homem 2: Alexandre Padilha]

É por isso que a fila única é uma realidade, literalmente está batendo na porta, Maria. Nós já temos hoje, como disse Fernando, pelo menos na região metropolitana do Rio de Janeiro, na de São Paulo, a região metropolitana de Fortaleza, de Recife, de São Luís, de Belém, de Manaus, de Macapá e de Brasília, pessoas que precisariam estar dentro de um leito de UTI estão na enfermaria, sem ser em leito de UTI, porque não há vaga em leito de UTI do SUS para essas pessoas. Certamente, todas as cidades, tirando Macapá e Manaus, e Belém, têm leitos privados destinados apenas a planos de saúde, setor privado que estão vagos e poderão ser ocupados neste momento.

Eu vi que várias pessoas perguntaram depois também, qual é o fundamento legal para isso. O fundamento legal já existe, tanto que o Maranhão já fez e requisitou 40 leitos para fila única. A cidade de São Paulo teve uma lei aprovada pelos vereadores, sancionada, e a prefeitura solicitou na semana passada cerca de cem leitos também para o setor privado. Isso ocorre porque a Constituição, a Lei Orgânica do SUS e a lei que foi aprovada em fevereiro deste ano, quando o governo federal encaminhou no primeiro dia do Congresso, o primeiro dia da legislatura em fevereiro, um projeto de lei, foram aprovadas em 24 horas para as regras da quarentena, do isolamento. Todos esses três marcos legais dizem o seguinte: o poder público pode requisitar bens e serviços privados no sentido de salvar vidas, e, no caso da Lei Orgânica do SUS, no sentido de garantir o atendimento ao SUS, a 8080 de 90 e, no caso dessa lei que foi aprovada este ano, no sentido de enfrentar a pandemia do Coronavírus. Ou seja, marco legal, tanto que o Maranhão já fez, alguns municípios estão fazendo essa requisição.

O que essas leis dizem? Principalmente da Lei Orgânica do SUS, e essa lei deste ano diz o que? Que é necessário fazer isso e garantir uma indenização justa. Não diz o valor da indenização, mas garante uma indenização justa. É aí que começa a primeira negociação, pois depende do que você vai pagar por esse leito e qual é o risco que existe. O hospital pode entregar o leito sem os trabalhadores, e aí o SUS tem que colocar os trabalhadores lá dentro. Existe uma negociação que precisa ser feita pelos governos estaduais e municipais que se rendem ao que o pessoal falou. Aquelas pessoas que querem ganhar lucro nos hospitais se rendem ao que Pigatto estava denunciando, a fala do ex-ministro Ricardo Barros e tem uma parte do setor privado de hospital que perdeu faturamento mesmo. Eles perderam cerca de 30%, 40% de faturamento que faturaram não só no trauma, mas também nas cirurgias eletivas, cirurgias estéticas que não estão podendo fazer. Então estão perdendo aqui, e esse setor está aguardando esses leitos para querer vender, fazer um verdadeiro leilão para o SUS ou um leilão para os planos de saúde, caso seja

necessário esse leito. Existe uma disputa ferrenha com o mercado, com quem quer ganhar dinheiro com a saúde, com quem quer lucrar, com quem vê a saúde como mercadoria, uma coisa para se comprar e vender, e não um direito, como nós vemos. Então, é necessário ter coragem e impulso, como diz Pigatto, para os governadores e prefeitos fazerem isso.

E para quem é do conselho estadual, do conselho municipal, dessa campanha que a CUT está fazendo, da sociedade como um todo, pegar o exemplo da Espanha que fez isso, que a Itália chegou em um momento que fez isso também. Ou seja, o marco legal existe. Qual é o passo que deve ser feito nesse marco legal? O governador ou o prefeito deve fazer um decreto que estabelece quantos leitos ele vai requisitar, quem vai cuidar da gestão, do controle desses leitos e qual o valor que vai pagar de indenização.

Por que é importante aprovar os projetos no Congresso Nacional que aprimoram, que ajudam a regulamentar isso que já está nas leis? Primeiro, porque é um movimento político importante, pressiona ainda mais, coloca na pauta e vai pressionando, cria regras. Este é um momento importante. Segundo, estamos querendo exigir que o Ministério da Saúde, Governo Federal, pague essa diferença que precisa ser paga, ou seja, coloque o dinheiro para os Estados e Municípios, ajude os Estados e Municípios a pagar isso. Estou falando da diferença, mas o valor porque tem uma coisa que é real: hoje, os governos estaduais e municipais estão pagando quase a maioria dos recursos. Pigatto sabe disso. O Governo Federal do Bolsonaro não gastou até agora nem metade do recurso autorizado para o governo usar, já está no orçamento do Ministério da Saúde e para o enfrentamento da covid, porque paralisaram, troca ministro, troca equipe, o Guedes segura. Assim como ele não pagou, demorou para pagar a renda básica emergencial, o Wagner, que é bancário, fez essa humilhação com o povo e com os trabalhadores da Caixa que nós vimos essa humilhação que Bolsonaro fez com os trabalhadores, com os bancários da Caixa e com a população que tinha que pagar o dinheiro. Ele também está segurando o dinheiro de passar para os Estados e Municípios. Então, além da questão política de criar um momento político, aprovar isso no Congresso tem importância, pois queremos botar lá para que claramente o da saúde pague o valor, que estabeleça um valor para ele poder pagar e com isso ajudar. Porque isso pode ser um fator que dê um pouco mais de coragem para os governos estaduais e municipais fazerem a requisição também. Muitos têm compromisso com os hospitais privados, não querem fazer outros e ficam tremendo: "Eu vou fazer? Eu dou conta de bancar?" Então, essa disputa existe. Por isso, a aprovação do projeto no Congresso pode ter um peso importante.

Outro motivo é que queremos deixar claro nos projetos do Congresso que quem vai organizar essa fila são as centrais de regulação que existem hoje. Como funciona hoje no SUS? Isso começou a funcionar quando foi criado o SAMU em 2003 pelo Presidente Lula. Quando criou o SAMU, não é só ambulância; criou também uma central de regulação, o pessoal que fica organizando para onde a ambulância leva o leito, o paciente reserva o leito de qual hospital, de qual pronto socorro. Essa experiência foi transferida para o conjunto dos leitos do SUS e, depois de 2011, quando estava no Ministério, criamos a chamada rede de urgência e emergência. Estabelecemos o seguinte: passamos o dinheiro para o Estado e para o Município e organizamos uma central de regulação de todos os leitos de urgência e emergência de UTI do SUS. Então, quem controla esse leito hoje é a central de regulação ligada à Secretaria Estadual de Saúde ou uma secretaria municipal, quando são as cidades grandes. Essas leis do Congresso tentam estabelecer que essa central vai controlar, para inclusive decidir sobre os critérios. Quais são os critérios para ir para aquele leito de UTI? Podem ser critérios clínicos, como a falta de ar, a situação de falta de ar, tosse; estabelece indicadores, pode dizer qual é a saturação de oxigênio, qual é a necessidade, quais são os critérios clínicos, por exemplo, de risco que aquele paciente tem. E você pode incluir critérios de vulnerabilidade, por exemplo, a pessoa que está em situação de rua, ela está em uma situação mais vulnerável do que uma pessoa que não está em situação de rua. Então, às vezes, eles

empatam no critério clínico, a saturação, mas é mais urgente que essa pessoa em situação de rua esteja internada. O outro tem outra forma de acompanhar aquele paciente, pode até, às vezes, fazer internação domiciliar. E tem um exemplo aqui. Então, é importante a equipe de psicologia estar junta nisso, porque esse componente da saúde mental que ajuda e também na alta é muito importante.

Infelizmente, esses critérios estão sendo feitos pela Secretaria Estadual, porque os Ministérios de Saúde são ausentes hoje em relação a isso, assim como são ausentes também no trabalho da atenção primária em saúde. Porque poderíamos estar usando a força que temos da família, se estivéssemos voltando mais médicos, o papel do agente comunitário de saúde para orientar melhor como é o cuidado das pessoas antes de chegar no hospital. Se uma pessoa pegou infecção do Coronavírus, se você consegue cuidar melhor dessa pessoa antes dela chegar no hospital, às vezes, você consegue identificar alguns fatores de risco, algum problema ali que você consegue perceber antes de encaminhar de forma correta essa pessoa para o hospital. Ela vai ter um risco menor de evoluir para gravidade. Está certo então, a lei existe, os governos podem fazer o decreto. É importante a aprovação no Congresso Nacional dos nossos projetos porque cria um movimento político a favor da fila única, da defesa da vida e um mecanismo para cobrar que o Governo Federal ajude a pagar os Estados e Municípios, essa requisição dos leitos privados. Agora a gente não pode mais continuar assistindo no Brasil a situação, o Presidente Lula falou sobre isso, de uma pessoa morrer na porta no hospital e ela não poder estar no hospital, porque não tem dinheiro para pagar por aquele hospital.

[01:00:15]

[Mulher 1: Maria Aparecida ]

Absurdo, inadmissível uma coisa dessas. Obrigada Padilha pela partilha. Vagner, quem está morrendo são trabalhadores e trabalhadoras, são homens e mulheres aposentados, gente do campo e da cidade, nós estamos vendo o nosso povo morrer. Bom com todas essas explicações que há legislação para isso, que embora o Ministério da Saúde seja ausente, mas que é possível que os Governos Estaduais e os Governos Municipais tomem iniciativa.

A CUT vem dialogando com os governos, vêm buscando dialogar com os governos, não só na questão de emprego, a manutenção do emprego, mas é possível. A CUT tem feito esse movimento também da importância dos governos tomarem atitude, tomar a iniciativa em relação a resolver os problemas, independente do Ministério da Saúde tomar essa iniciativa.

[01:01:11]

[Homem 1: Vagner]

Primeiro, eu queria dizer uma coisa importantíssima que eu acho que é papel da CUT: como ela mais pode se posicionar, ajudar e atuar. A CUT atua na questão para resolução dos problemas. Primeiro, nós temos que colocar na ordem do dia dos sindicatos da CUT a campanha pela fila única. Temos mais de 3 mil sindicatos, e se todos eles colocarem na ordem do dia, como sendo uma questão principal, a discussão com suas bases sobre a fila única, sem dúvida a nossa campanha fica muito mais fortalecida. Não tenho dúvida nenhuma quanto a isso. Os sindicatos sabem disso. Não vamos ficar aqui ensinando o movimento sindical nosso a fazer e representar bem as suas categorias e fazer sindicalismo, transformação, porque o nosso povo é cotista por causa disso. Faz sindicalismo para a transformação da sociedade, mas é sempre bom alertar. A campanha da CUT só tem efetividade mesmo quando os sindicatos a pegam no colo e saem fazendo, dialogando com as suas bases, dialogando com a sociedade. A CUT tem procurado os Governos Estaduais para discutir a reconversão industrial, por exemplo, que é uma questão importantíssima e outras questões, mas o governo federal não dá conta. Então, junto com clientes

com essa questão de mobilização dos sindicatos, não só os da CUT, como de todo o Brasil, levar essa campanha para todas as centrais sindicais, todos os movimentos sociais, todos os movimentos em defesa da vida, também fazer negociação direta com os Governos Estaduais e também, Maria, vamos ser sinceros, cobrar os empresários do Brasil, né Padilha? Porque eu fico vendo agora um monte de empresário falar em solidariedade. Solidariedade é abrir mão dos seus lucros. Solidariedade é não demitir os trabalhadores. Solidariedade é não se aproveitar da crise. Solidariedade não é discurso na Globo, e a CUT tem feito esse tipo de denúncia e tem feito esse tipo de cobrança, e os nossos sindicatos têm que fazer isso de maneira geral. Eu acho que esse é o papel da CUT, nós, enquanto central sindical, Padilha está lá no Congresso Nacional, deputado influente, médico capacitado para fazer esse debate em relação à legislação, Pigatto na questão do conselho de saúde representando os usuários e os trabalhadores no debate desta questão da fila única, nossos sindicatos têm que dialogar com os nossos trabalhadores que eles têm direito à vida, e com os sindicatos para construir essa campanha como sendo uma campanha de cada sindicato. Eu não estou falando de sindicato só da área de saúde, não viu? Estou falando de todos os sindicatos da CUT, colocarem isso na sua pauta. E também que eu não poderia nunca deixar de aproveitar esse espaço aqui nosso para fazer o nosso brado de Fora Bolsonaro, de Fora Bolsonaro, porque se existe, como Padilha falou com todo o teu conhecimento, uma pessoa que atrapalha essa questão da fila única como uma pessoa que atrapalha a política corretamente de isolamento social, como uma pessoa que não lidera o Brasil em busca de saídas nesse momento de crise, que precisava ter um líder, é o Bolsonaro, a única preocupação que o Bolsonaro tem é com a eleição de 22, ele que se elegeu mentindo para a população, dizendo que não era político, contra os políticos, contra o ato de fazer política, hoje aí no exercício da presidência da república se torna o maior empecilho para que nós tenhamos políticas públicas para saída da crise e o combate ao Coronavírus como ele deve ser feito. Eu sei também que tem muito governador do estado, que eu os conheço bastante bem, o Padilha mais ainda, o Pigatto e você também Maria, que não tem o compromisso com os trabalhadores que eles aparecem ter nesse determinado momento, porque também sempre perseguiram os nossos companheiros funcionários públicos, e sempre na gestão dos seus governos nunca atenderam pobre o povo que precisa como sempre fizeram, como deveriam ter feito, mas nesse momento eu não tenho dúvida nenhuma que governadores e prefeitos têm tido uma posição muito mais proativa em relação às propostas que nós defendemos do que o Bolsonaro, nós precisamos construir o impeachment do Bolsonaro, o fora Bolsonaro e eu não tô querendo fazer nenhum tipo de revanche todo mundo sabe que a CUT foi contra o impeachment da Presidenta Dilma, defendeu o direito que ela tinha de fazer o seu mandato dado pelo povo e nós não somos aqueles que saem defendendo o impeachment a torto direito, é que neste momento o que o Bolsonaro faz é crime contra a vida o pior dos crimes que ele comete contra a constituição, pior das denúncias que ele tem no Ministério Público Federal, de inclusive da sua relação, ou grandes denúncias que não são nem nossas, são inclusive do Moro de relacionamento do Bolsonaro com as milícias, ou de para encobrir a investigação dos seus filhos, e sabemos das relações promíscuas que ele tem com a milícia, mas pior que tudo isso é o descompromisso que ele tem com a vida, o descompromisso que ele tem com a dor de centenas de milhares de pessoas trabalhadoras e trabalhadores no Brasil, então eu acho que nós temos que fazer essas duas coisas principais como tarefa da CUT, que é sindicalismo, a organização sindical, uma que os sindicatos nossos todos eles tomem para eles a campanha da fila única, defesa do SUS, enfim e outra que a gente convença a sociedade de que o Brasil precisa do Fora Bolsonaro para voltar a respirar, a respirar como se deve.

[01:07:35]

[Mulher 1: Maria Aparecida]

Obrigado, Vagner. Só para informar a todos os nossos internautas que a CNTSS, a CUT, enviamos um documento falando sobre todas essas questões relacionadas à fila única, do ponto de vista da legislação, da necessidade, do cumprimento, do envolvimento do Ministério da Saúde garantindo o ressarcimento no setor privado. Enfim, encaminhamos para a Comissão de Seguridade Social da Câmara e do Senado, Comissão de Direitos Humanos da Câmara e do Senado, enviamos para várias entidades parceiras, para vários movimentos, Conselho Nacional de Saúde. Tudo porque entendemos que essa é uma luta de todos nós, independentemente se estamos empregados ou não, se pertencemos a uma organização ou não. Mas essa é uma luta do povo brasileiro. A garantia da vida é uma coisa indiscutível, é uma questão de direitos humanos e está garantido na Constituição Federal deste país. Portanto, é obrigação sim de cada esfera de governo tomar a iniciativa e ajustar isso para que as pessoas tenham acesso, e parem de morrer dentro de suas casas, parem de morrer dentro dos hospitais, porque não conseguiram acessar um leito de UTI. E parem também de querer deixar a responsabilidade disso em cima dos trabalhadores e trabalhadoras dos profissionais de saúde, que é outra coisa inadmissível que a gente não pode aceitar jamais. Bom, e suposto já de antemão, queria agradecer aos nossos queridos convidados, nossos companheiros, nossos amigos e pedir agora que vocês façam rapidamente as considerações finais, eu vou começar pelo Padilha.

[01:09:28]

[Homem 2: Alexandre Padilha]

Boa noite, gente! Boa noite, um grande abraço à nossa Central Única dos Trabalhadores. Um abraço especial ao nosso segmento dos servidores públicos da saúde e da seguridade social, Maria. Vale lembrar que hoje, 18 de maio, é o Dia da Luta Antimanicomial. Então, nenhum passo atrás, manicômios nunca mais! Não podemos permitir que essa face do autoritarismo retorne. Além disso, expresso solidariedade não apenas aos trabalhadores que lutam contra a COVID-19, mas a todos os profissionais da saúde mental que contribuem para dar vida, defender as pessoas e garantir direitos humanos nos hospitais, nos CAPS, nos serviços ambulatoriais em todo o país. Um grande abraço, pessoal! Vou encerrar aqui porque tenho uma trabalhadora, uma futura cotista, aqui, a Mel, que está dizendo "papa". Um abraço, gente.

[01:10:27]

[Mulher 1: Maria Aparecida]

Obrigada, tchau, Fernando. Este mês, esses dias, nós completamos 32 anos de SUS, comemorando os 32 anos dessa política de inclusão social, de cidadania. As suas considerações finais, por favor.

[01:10:41]

[Homem 3: Fernando Pigatto]

Já falei antes, isso aqui: o SUS sofreu muito, e não é de hoje que ele sofre, logicamente. Nos últimos anos, ele sofreu mais, tem sido dilapidado. Logicamente, esse momento é de quem, por exemplo, batia no SUS e conseguia, sim, estar acabando dia a dia com o SUS. Por exemplo, nosso ex-ministro vestiu o colete do SUS, teve que vestir o colete do SUS, e várias pessoas hoje, o Vagner falou isso também, Padilha, que antes tinha uma visão e até uma ação contrária ao SUS, hoje sabe que o SUS é sim a nossa maior arma nessa guerra contra esse inimigo poderoso que é o novo Coronavírus. O que nós mais queremos é essa ampliação nas divisões em defesa do SUS, se firme, e que a gente tenha realmente uma grande unidade nacional, o mais ampla possível, para que garantamos a defesa da vida, da democracia e do sistema único de saúde. Então, nós queremos assim agradecer imensamente a oportunidade de poder estar participando dessas atividades com a CUT. Esperamos poder participar de muitas outras. Queria aqui reforçar o convite para quem

quiser dar sequência nesse debate, à nossa live do conselho nacional de saúde promovida pelo comitê de acompanhamento da covid 2019 que o conselho criou, ainda no mês de março, quarta-feira, 17 horas, com a Lígia Bahia e o Vecina para poder dar sequência aqui a esse debate. E queria encerrar com uma frase, e eu tenho aqui um quadro aqui na sala aqui de casa, que é do Charles Chaplin, e a gente tem que adaptar essa frase para os dias de hoje, logicamente por compreendermos hoje a importância das mulheres, mas é a frase que diz: “Não sois máquinas, homens e mulheres é que são. Precisamos preservar a vida de homens e mulheres”. Viva o SUS, viva a democracia, viva a CUT, viva o povo brasileiro.

[01:13:23]

[Mulher 1: Maria Aparecida]

Obrigada, Fernando, obrigada mesmo pelo carinho, pela sua participação aqui conosco. Companheiro Vagner, o seu recadinho final para todo mundo que está nos assistindo.

[01:13:34]

[Homem 1: Vagner]

Maria, primeiro parabenizar a nossa CUT, mais um espaço importante que a CUT tem nas nossas *lives* disponibilizadas para todos os nossos indicados, para todos que queiram utilizar esse espaço para defender a democracia, o direito dos trabalhadores, a vida. Só queria desejar boa noite para todos e para todas. Hoje é um dia especial meu filho faz 16 anos e eu preciso agora inclusive estar aqui com o Pedro Henrique para a gente comemorar aqui confinados em casa, com isolamento social, para garantir a vida, mas vamos aqui fazer uma comemoração entre família aqui do aniversário dele. Boa noite para todos e para todas, e Fora Bolsonaro, Fora Bolsonaro.

[01:14:14]

[Homem 3: Fernando Pigatto]

Abraços para ti aí com o teu filho, toda família.

[01:14:20]

[Mulher 1: Maria Aparecida]

Muito obrigada, parabéns para o Pedro Henrique e para todos e todas que nos assistem. Agradecer e dizer para vocês o seguinte, gente: nós precisamos lutar por aquilo que é um direito nosso, a fila única no SUS significa dignidade humana, o direito a ter acesso a um leito de UTI, independente da cor, credo ou condição social, raça, opção, não importa e é isso que nós precisamos garantir, o direito à vida e à dignidade humana. Portanto, cada um e cada uma no seu Município, pressione lá o seu vereador, pressione o seu prefeito ou Secretário Municipal de Saúde, seu governador, seus deputados, secretário estadual de saúde tem legislação para isso, independente da falta de iniciativa do governo federal os governos estaduais e municipais têm responsabilidade e têm a obrigação de criar as condições para isso, e vamos pressionar o setor privado sim, setor privado lucrativo que não quer abrir mão do seu lucro, mas que agora o lucro tem que ser a vida, e não recursos financeiros como sempre fizeram. Eles vão ter muito tempo para tentar esfolar os trabalhadores novamente, mas agora é a hora da gente lutar pela vida. Portanto, criação das filas únicas sim com controle social através do SUS. Muito boa noite a todos! Muito obrigada! E até uma próxima vez!

[01:16:13]

[Homem 4: Alex Capuano]

ENCERRAMOS!